

# CIRCULAÇÃO E RECEPÇÃO DA OBRA DE PIERRE BOURDIEU NO BRASIL: UMA ENTREVISTA COM SERGIO MICELI<sup>1</sup>

## CIRCULATION AND RECEPTION OF PIERRE BOURDIEU'S WORK IN BRAZIL: A CONVERSATION WITH SERGIO MICELI

Sergio Miceli\*

Treicy Giovanella da Silveira\*\*

Ana Martina Baron Engeroff\*\*\*

### Apresentação

As numerosas entrevistas já feitas com o sociólogo Sergio Miceli tratam da sua história de vida e trajetória acadêmica (BASTOS, LOUREIRO, REGO, 2008); ressaltam suas reflexões no campo da sociologia dos intelectuais (SILVA FILHO, 2016) e atuação no espaço editorial (RODRIGUES, MUNIZ JR., 2018); enfocam os 40 anos de publicação de *Intelectuais e classe dirigentes no Brasil (1920-1945)* (RODRIGUES, ROCHA, 2019);

ou ainda permeiam os posicionamentos do sociólogo em relação aos papéis dos intelectuais na atualidade (QUAGLIATO, RAMOS, 2020). Nosso objetivo com uma nova entrevista é retomar as reflexões do autor sobre o contexto de importação dos primeiros textos de Pierre Bourdieu para o Brasil, ou da “aclimatação das ideias ‘estrangeiras’” (ORTIZ, 2013, p. 83) e dos modos de circulação internacional de seus textos como um programa de pesquisa (GARCIA JR., PESSANHA, 2013, p. 29), assim como propor-

\*Universidade de São Paulo (USP), Programa de Pós-Graduação em Sociologia, São Paulo, SP, Brasil. Email: zaem@usp.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8989-0983>.

\*\*Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política, Florianópolis, SC, Brasil. Email: treicy.gs@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0328-9327>.

\*\*\*Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política, Florianópolis, SC, Brasil. Email: anambaron@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3957-0428>.

1. Entrevista concedida durante o Colóquio Internacional “Um projeto para as Ciências Sociais: o ofício de sociólogo e o trabalho sociológico de Pierre Bourdieu”, ocorrido em Florianópolis, entre os dias 15 e 17 de maio de 2018.



cionar um espaço de diálogo sobre as novas práticas sociológicas a partir da apropriação da sociologia francesa no Brasil.

Presumindo que a importação de bens simbólicos, como textos acadêmicos, não ocorrem de maneira unilateral ou passiva pelos países dominados, mas são debitárias de mediações que compreendem os diversos níveis das relações locais e das intenções das traduções, a entrevista evidencia a interpretação de Miceli sobre as apropriações da obra de Pierre Bourdieu no Brasil, assim como, por meio dela buscamos o indagar sobre o fazer sociológico e os elementos que compõem uma boa pesquisa sociológica e que são basilares para as novas gerações de pesquisadores que se formam. O entrevistado reconstitui seus primeiros contatos com Bourdieu nos anos 1970, quando – seguindo o caminho comum da formação intelectual brasileira da época beneficiada pela oferta de bolsas de estudo no exterior (SCHWARTZMAN, 2015) – foi para a França após uma longa troca de correspondências que resultaram na publicação da coletânea “A economia das Trocas Simbólicas” e no aceite por Pierre Bourdieu de um orientando brasileiro.

Neste sentido, tratar da circulação internacional das obras de Bourdieu envolve a trajetória dos agentes participantes deste processo e as condições objetivas que possibilitaram que o Brasil se destacasse na recepção de Bourdieu<sup>2</sup>. Importante mencionar que a conformação da pós-graduação brasileira nos anos de 1960-70, com beneficiamentos de bolsas de pesquisa no exterior e profissionalização crescente, teve papel fundamental na entrada das obras de Bour-

dieu no Brasil. Muitos destes jovens pesquisadores participaram de cursos oferecidos na *École des Hautes Études en Sciences Sociales* – EHESS (como os de Bourdieu e seu grupo de pesquisadores), passando a atuar como mediadores ao incorporarem “os instrumentos de análise bourdieusianos em seus trabalhos e, ao mesmo tempo, empenharam-se na publicação dos primeiros textos do autor no Brasil” (BORTOLUCI, JACKSON, PINHEIRO FILHO, 2015, p. 224). É o caso de Moacir Palmeira, responsável pela primeira publicação de Bourdieu no país – “Campo intelectual e projeto criador” (de 1968) – e de outros pesquisadores ligados à antropologia e ao Museu Nacional (UFRJ), que utilizaram o referencial bourdieusiano em suas teses (LOPES, 2013).

Sergio Miceli, por sua vez, é “provavelmente o principal mediador desse processo” (BORTOLUCI, JACKSON, PINHEIRO FILHO, 2015 p. 226), embebendo do esquema bourdieusiano a Sociologia da Cultura e, mais especificamente, a Sociologia dos Intelectuais, na qual seu livro “Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil” (MICELI, 1979) passou a ser uma “referência incontornável”, como diz o autor na entrevista. Desta forma, Miceli indica alguns caminhos percorridos em suas investigações em diálogo com o sociólogo francês, o que permite perceber o olhar crítico e minucioso de Bourdieu para os objetos de pesquisa.

A preocupação na construção e compreensão do objeto é, em verdade, ponto-chave para Bourdieu, tomando a teoria e a metodologia como inseparáveis, ou seja, tomou-se uma perspectiva relacional (BOURDIEU, 2012). Isso expressa, em parte, as críticas às

2. Há vários indicativos da relação diferenciada do Brasil na circulação internacional da obra de Bourdieu, inclusive assinalado no vocábulo específico encontrado no *Dictionnaire international Bourdieu*, coordenado por Sapiro (2020).

diversas apropriações de Bourdieu no Brasil, que por vezes transportam categorias do referencial bourdieusiano (como *habitus* e campo) mecanicamente, sem apreender o objeto como um todo. Seguindo o argumento do entrevistado, é preciso olhar para a “morfologia do objeto”, que se projeta no espaço e no tempo.

Por fim, o olhar, ainda que reduzido, sobre a trajetória intelectual de Miceli nos incita a compreender a dinâmica de importação dos textos de Bourdieu, a apropriação e influência deste material nos trabalhos que se seguiram tanto do entrevistado quanto de seus antigos orientandos ou daqueles que passaram a fazer uso destas traduções. Contribuí, sobretudo, com elementos para a compreensão da recepção de Bourdieu no Brasil em uma perspectiva bourdieusiana, ou seja, através das relações assimétricas de agentes e instituições em torno da obra de Bourdieu. Seria “usar Bourdieu contra Bourdieu” (PASSIANI, 2006).

A entrevista que segue foi revisada pelo autor a fim de que o texto escrito apresentasse a fluidez por ora marcada por pausas no momento da fala. Mantivemos a ordem das perguntas conforme feitas na entrevista e divididas em quatro partes. O primeiro conjunto de questões trata da circulação dos textos de Pierre Bourdieu no seu contexto de importação para o Brasil. Em se-

guida, o entrevistado é convidado a responder sobre a mobilização sociológica em seus trabalhos, seguido de questões sobre o projeto História das Ciências Sociais no Brasil. Por último, são feitas questões acerca das novas agendas para a Sociologia no Brasil.

#### Eixo 1 – Circulação das obras de P. Bourdieu: entre o Brasil e França

**Entrevistadoras:** Gostaríamos de iniciar falando um pouco sobre as traduções das obras. Podemos considerar a coletânea “Economia das Trocas simbólicas”<sup>3</sup> um marco da entrada de Bourdieu no Brasil e ao mesmo tempo da sua aproximação teórica com o autor?

**Sergio Miceli:** O livro teve tamanho impacto, com sucessivas tiragens, e até hoje a editora Perspectiva reedita o livro que vende bem. Decerto o impacto se deve à variedade de temas e domínios abordados; se fosse uma coletânea com foco estrito, – educação, cultura, literatura, ou apenas de perfil teórico –, decerto não teria tanta repercussão. Os eixos temáticos complementares ajudaram na potência do livro. Na época, de fato, não pensava assim. Ao propor a coletânea, listei o que já havia lido: *Les Héritiers*, *Les étudiants et leurs études*<sup>4</sup>; *Un art moyen*<sup>5</sup>; *L’amour de l’art*<sup>6</sup>; e *A reprodução*<sup>7</sup>, mas não gostei tanto do último. O primei-

3. BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. MICELI, Sergio (Org.). São Paulo: Perspectiva, 1974.

4. BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. Les héritiers: les étudiants et la culture. Paris: Minuit, 1964.

5. BOURDIEU, Pierre; BOLTANSKI, Luc; CASTEL, Robert; CHAMBOREDON, Jean-Claude. Un art moyen: essai sur les usages sociaux de la photographie. Paris: Minuit, 1965.

6. BOURDIEU, Pierre; DARBEL, Alain; SCHNAPPER, Dominique. L’Amour de l’art: les musées d’art européens et leur public. Paris: Minuit, 1966.

7. BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

ro texto de Bourdieu que li, “Campo intelectual e projeto criador”, publicado na revista *Les Temps Modernes*<sup>8</sup>, me impressionou um bocado e acabei repassando o texto aos colegas de graduação na PUC carioca – Lígia Sigaud, Alice Rangel, Sergio Santeiro, Vera Borda – com quem mantinha um seminário de leituras. Fiquei tão mexido pelo texto, que mais tarde quis fazer a coletânea. Havia na época alguns trabalhos em Sociologia da Cultura (Mannheim, Scheler, Schucking, Escarpit, etc.), e em nenhum deles senti o mesmo respiro, o fôlego ambicioso, a tentativa de ligar a experiência dos artistas, dos intelectuais ou dos escritores ao contexto sócio-histórico. Quais eram os modelos que eu conhecia? Por exemplo, a sociologia da arte de Pierre Francastel, do qual lera o texto “A arte como um instrumento de propaganda durante o nazismo”<sup>9</sup>, mas o resto da obra é bastante convencional. Ele ainda estava vivo quando fiz a antologia do Bourdieu. Primeiro, havia pensado nele como orientador, pois mal conhecia Bourdieu. Outro modelo era Robert Escarpit, professor pioneiro em sociologia da literatura e autor de um manual no assunto. Seus trabalhos eram interessantes, mas nada que suscitasse entusiasmo. Eu deveria estar, imagino, em busca de outros rumos, mais densos e provocativos. O estalo veio pela leitura do artigo de Bourdieu na revista de Sartre. É preciso levar em conta o momento da carreira na época; relativamente jovem, fora eleito diretor de estudos em 1964, salvo engano; fora antes professor

em Argel, em Lille, e começara em Paris como assistente de Raymond Aron no Centre de Sociologie Européenne, do qual se tornaria diretor. Em 1972, eu tinha 27 e ele 42 anos. São coordenadas que mostram duas pessoas em momentos muito diferentes do que viriam a ser. Por isso fica difícil reconstituir minha relação com ele vista de hoje. Naqueles anos, estava trabalhando e dando uns palpites na editora Perspectiva. As razões são sociológicas também. Era casado com Sonia Novinsky, filha da historiadora Anita Novinsky, ligada ao círculo de intelectuais judeus que orientavam intelectualmente a Perspectiva. Então o acesso inicial, por mais méritos que eu tivesse, ocorreu pela mediação do casamento. Como tinha uma boa relação com o Jacob Guinzburg, diretor da editora, ele logo aceitou minha proposta de coletânea com textos de Bourdieu; entrei em contato, ele reagiu com interesse, logo me enviou outros textos que ainda não conhecia. No momento de fechar o índice, fiz uma proposta e justifiquei invocando o interesse potencial do que seria o público brasileiro na área. Ele juntou ainda o posfácio que havia acabado de redigir para a edição francesa de “Arquitetura gótica e Pensamento Escolástico”, de Erwin Panofsky<sup>10</sup>. Fiquei receoso pela dificuldade de recepção aqui, mas ele insistiu. Ou seja, ele deu um pitaco decisivo quanto à seleção de textos; foram muitas cartas até se fixar o índice definitivo. Não fui eu que inventei o volume, nem tirei nada da cartola. Lembro do meu entusiasmo pelos dois tex-

8. BOURDIEU, Pierre. *Champ intellectuel et projet créateur*. *Les Temps Modernes*, no 246, p. 865-906, 1966.

9. FRANCASTEL, Pierre. *L'Histoire de l'art instrument de la propagande germanique*. Paris: Librairie de Médicis, 1945, 264p.

10. PANOFSKY, Erwin. *Architecture gothique et pensée scolastique*. Paris: Minuit, 1967

tos sobre a sociologia religiosa de Max Weber<sup>11</sup>, os quais tinham me ajudado muito a atinar com o sentido amplo do material e a importância de Weber no modelo de Bourdieu. Vínculo que se confirmou por inteiro ao longo da vida. Outro aspecto que o impressionou foi o meu investimento na introdução, um baita texto, ambiciosíssimo. De certo fantasiar a possibilidade de dominar a Sociologia no tranco. Quis dar conta dos fundamentos da obra dele nos clássicos, em diálogo com os contemporâneos, com os interacionistas... Eu li um bocado pra escrever aquilo, muitos estudos que nem conhecia. Nunca tinha lido Garfinkel, os interacionistas, que não circulavam no Brasil, gente que ninguém lia até então. Também a montagem tem muito a ver com *Le Métier de Sociologue*, livro de 1968<sup>12</sup>, decisivo para minha geração. Foram meses de negociação por carta; fiz a tradução de alguns textos e me incumbi da revisão geral. Ele ficou feliz com a coletânea em português e, conforme testemunho dele, bem impressionado com a introdução. Talvez a introdução tenha sido um dos elementos que mais contribuíram para o meu aceite como orientando, se interpretei com justeza o que andei ouvindo por lá. Naquele momento, eu estava na FGV e tivera início um programa de doutorado no exterior para os professores, e me candidatei. Ganhei a bolsa do governo francês e podíamos manter o salário, o que ajudou bastante, pois já estava casado,

com crianças pequenas, um arranjo excelente. Fui no início de 1974 e voltei em 1976. Em dois anos, concluí a redação inicial da tese no Brasil e voltei a Paris no começo de 1978; fiquei aprontando a versão em francês ao longo do ano e defendi em dezembro. Havia encomendado uma versão a um tradutor no Brasil, mas o texto era imprestável. A versão francesa da tese é um pouco distinta da tese brasileira que defendi antes de retornar a Paris: Bourdieu pediu que enxugas-se o trecho sobre os intelectuais e a Igreja, que acabei reintroduzindo na versão final do livro em português. É mais compacta a versão francesa publicada em Paris em 1981<sup>13</sup>. A versão final em português, livro editado em 1979<sup>14</sup>, junta as duas versões e mais os trechos refeitos e alterados por conta das arguições das bancas aqui e em Paris, ou seja, me parece a versão melhor e mais completa. Na época de montagem da antologia, eu não podia antever quem ele se tornaria, nem ele sabia se ia dar certo a relação comigo. Ele nunca mais aceitou estudantes latino-americanos para orientar, apenas europeus. De certo a barreira da língua teve peso nisso. Minha vantagem era o domínio escolar do francês por conta dos sete anos de língua e literatura na Aliança Francesa. Monique de Saint-Martin, com quem eu dividia sala no Centro de Sociologia Européia, me ajudou bastante a encontrar as fórmulas adequadas de escrita acadêmica em francês, e jamais interferiu no conteúdo.

11. BOURDIEU, Pierre. Genèse et structure du champ religieux. *Revue française de sociologie*, 12-3. p. 295-334, 1971; \_\_\_\_\_. Une interprétation de la théorie de la religion selon Max Weber. *European Journal of Sociology*, v. 12, no 1, p. 3-21, mai 1971.

12. BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. *Le métier de sociologue: préalables épistémologiques*. Paris: Mouton-Bordas, 1968.

13. MICELI, Sergio. *Les Intellectuels et le pouvoir au Brésil (1920-1945)*. Grenoble-Paris: Presses Universitaires de Grenoble-Maison des Sciences de l'Homme, Brasília. 1981, 160 p.

14. MICELI, Sergio. *Intelectuais e classes dirigentes no Brasil (1920-1945)*. Rio de Janeiro: Difel, 1979.

**Entrevistadoras:** Como você avalia os usos das obras de Bourdieu no Brasil? Você considera que houve avanços teóricos e metodológicos a partir da apropriação das obras de Bourdieu traduzidas e organizadas no país?

**Sergio Miceli:** Houve todo tipo de apropriação. Há uma apropriação muito caricata e mecânica. E uma tentativa de transferência na marra de conceitos e esquemas que não funcionam com os materiais empíricos com que as pessoas lidam, porque justamente elas não tiveram o treinamento para saber, ou pra se dar conta de que tudo o que se faz tem a ver com o material que se tem. Não adianta você impor ao material uma linha conceitual pretensamente teórica. Isso não funciona. Você pode fazer as leituras teóricas, se interessar por muita coisa, mas você tem que atinar, o material impõe certos caminhos. No meu caso, como eu ia impor o modelo dele [de Bourdieu] para estudar os intelectuais no Brasil? O caso francês é completamente diferente. A ossatura do universo intelectual não se formou como aqui: outro jeito de organização institucional, de carreira, etc. Quando escrevi o doutorado, já tinha lido textos dele sobre os intelectuais lá. Não dava para transferir sem mais. Sequer a ideia de campo era aplicável. Porque nós tínhamos um campo em germe. Germinando, começando, mas ainda não tínhamos um campo. Não era um campo no sentido elaborado no caso francês e no contexto europeu. Existem apropriações variadas. Por exemplo, a sociologia brasileira da educação invoca Bourdieu em chave mecânica e brutalista. Ana [Maria] Almeida em Campinas e Ana Paula

Hey, no meu departamento, buscam apreensão mais flexível, evitando a glosa imitativa. A expansão do sistema privado de ensino superior no Brasil, convém prestar atenção no que se passa no país. Bourdieu não vai solucionar o caso. Não é forçosa a presença de conceitos que remetem de pronto a um autor ou corrente. Na leitura de uma tese bem armada, logo se percebe o impacto das leituras no trabalho, sem necessidade de simbiose. Nenhum capítulo pretensamente teórico resolve o impasse. Costumo desencorajar meus orientandos à feitura de um capítulo teórico, em geral perda de tempo. As leituras ajudam a pensar o material, mas não a interpretá-lo. Bourdieu não permitia nenhum doutorando a charlar teoria. Tínhamos de iniciar o texto falando do material, eis a regra de ouro.

**Entrevistadoras:** Neste sentido, existem algumas abordagens no Brasil que tentam fazer uma meta-teoria da teoria de Bourdieu, enquanto há outras abordagens mais próximas de sociologia empírica. Como você percebe essas diferenças?

**Sergio Miceli:** Não existe meta-teoria. Você pode se arvorar em formulador de uma sistemática, de um modelo. Mas qual o interesse? É ginástica intelectualista. Alexandre Bergamo<sup>15</sup>, por exemplo, foi brilhante nas provas e na seleção oral para o doutorado; queria fazer uma tese teórica. Aos 20 anos de idade, você ainda não dispõe de bagagem empírica que permita formular algo condensado, abrangente. Eis a formação que recebi. Acho mais profícuo monografias que enfrentam um material e agregam alguma chave interpretativa

15. Alexandre Bergamo atualmente é professor no departamento de Sociologia e Ciência Política da UFSC e foi orientado por Sérgio Miceli.

## Eixo 2 – O trabalho sociológico a partir da obra de Pierre Bourdieu

**Entrevistadoras:** Você considera que há especificidades da Sociologia dos Intelectuais produzida no Brasil em relação às abordagens na França, por exemplo?

**Sergio Miceli:** [Michael] Pollak, [Louis] Pinto e [Christophe] Charle, meus colegas de geração, estudaram e escreveram sobre intelectuais europeus: Charle redigiu diversas obras no assunto, Pollak tratou do caso austríaco, o grupo da secessão, Pinto sobre os filósofos. Bourdieu orientava um grupo pequeno de doutorandos. Desde o início me dei conta, felizmente, que seria ocioso imitar o modo de apreensão daquelas experiências para entender os intelectuais no Brasil. A experiência brasileira, os materiais de que dispunha, as leituras das fontes para a minha tese tinham pouco a ver com a experiência europeia. A primeira vez que formulei por escrito sobre o material que vinha coligindo, o texto sobre os anatólios, os colegas reagiram, como se o que eu dizia tivesse pouco a ver com o modelo teórico do mestre. A reação de Bourdieu foi distinta, bastante receptiva, embora pouco entendesse de Brasil. Ele conseguia ler português pela rama porque sabia espanhol. Em tudo que escrevi pode-se perceber a presença dele, sem a necessidade de citá-lo como caução! Àquela altura, eu não só estava lendo os trabalhos dos colegas, participando dos seminários, mas também éramos instados a

absorver uma literatura que ele considerava indispensável a nossa formação: o livro do Ringer sobre o mandarinato alemão, que mais adiante publiquei na EDUSP<sup>16</sup>; a análise de Schorske sobre Viena<sup>17</sup>; os estudos de E. P. Thompson sobre William Blake<sup>18</sup>, William Morris<sup>19</sup>, os românticos ingleses, e a intelectualidade inglesa de esquerda. Lia com entusiasmo mas sabia que tinham pouco a ver com o Brasil. Bem mais tarde, em 2001, quando comecei o trabalho sobre a Argentina, pela primeira vez descortinei um universo histórico comparável ao brasileiro. Não que fosse a mesma coisa. O acesso à experiência de uma formação social histórica mais próxima da nossa. A intelectualidade brasileira não é comparável à francesa ou à alemã.

**Entrevistadoras:** Em 2018 fazem 40 anos da defesa da sua tese “Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil”. Você percebe mudanças interpretativas a partir da publicação em livro, em 1979?

**Sergio Miceli:** Sem falsa modéstia, ficou inviável estudar e escrever sobre intelectuais no Brasil da mesma forma após a edição do livro. Você pode reclamar, discordar, mas você não pode deixar de levar em conta, o livro se tornou referência incontornável. E não é só no Brasil, os brasilianistas e latino-americanistas, brasileiros, ingleses, franceses, todos citam e discutem o livro. Nesse sentido, a recepção à obra teve efeitos palpáveis sobre o tratamento do assunto. Isso

16. RINGER, Fritz K. Declínio dos Mandarins Alemães. A comunidade Acadêmica Alemã: 1890-1933, São Paulo: EDUSP, 2000.

17. SCHORSKE, CARL E. VIENA FIN-DE-SIECLE. POLÍTICA E CULTURA, 1979.

18. THOMPSON, Edward P. Witness against the Beast. William Blake and the Moral Law. New York: The new press, 1993.

19. THOMPSON, Edward P. William Morris: Romantic to Revolutionary. New York: Pantheon Books, 1977.

não garante a eternidade, é um estudo datado, histórico, como tudo. Ele vai envelhecendo com garbo, o que é reconfortante.

**Entrevistadoras:** Em relação a seu *métier* sociológico, há uma mudança em relação a esses primeiros trabalhos, comparando aos seus trabalhos mais recentes?

**Sergio Miceli:** Eu acho que houve muitas mudanças. Darei um exemplo em torno de um tópico que tive a oportunidade de conversar com Bourdieu. Não nesta primeira fase, mas após o doutorado, ele me convidou três vezes como diretor de estudos. Logo, fiquei períodos de três a seis meses na França, e ele acompanhou os trabalhos subsequentes. Em seguida ao trabalho sobre a elite política brasileira na Constituinte de 1945, comecei a estudar a elite eclesiástica, o qual desaguou na tese de livre-docência em 1986<sup>20</sup>. Por ocasião de uma das estadias na França como diretor de estudos, voltei a me interessar por história social da arte, sob impacto da então nova história da arte italiana publicada pela editora Einaudi, a qual inclui o famoso artigo de Castelnovo com Ginzburg. Castelnovo era amigo próximo de Bourdieu. Numa viagem a Itália, comprei um pequeno volume dele, intitulado “Arte, Indústria e Revolução”<sup>21</sup>, com dois textos sobre a historiografia da história social da arte, e fiquei bastante impressionado. Pensei em mudar de objeto, lidar com outro tipo de material, quem sabe replicar o foco sobre as elites valendo-me da pintura. Já no Brasil, averiguando as possibilidades, a alter-

nativa mais óbvia seria o modernismo plástico por conta das coleções públicas em São Paulo. Fiquei então sabendo que Portinari havia pintado retratos do pessoal do Estado Novo, políticos e escritores que eram o foco do livro “Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil”. Fui ao Rio me inteirar da situação no projeto Portinari; fiquei pasmo e fascinado ao me dar conta de que eram quase setecentos retratos que havia produzido ao longo de sua carreira; estava tudo documentado no projeto Portinari, quer dizer, havia de repente identificado uma fonte pronta a ser explorada.

O livro “Imagens Negociadas”<sup>22</sup> foi publicado em 1996, após um trabalho de pesquisa que se prolongou por quase quatro anos, após o fecho do projeto História das Ciências Sociais no Brasil<sup>23</sup>. E quando estive na França de novo, dei o livro a Bourdieu, não pra que lesse em português, mas para folhear os cadernos de imagens, sentir a natureza do material. De imediato, ele insistiu para eu escrever um registro dos procedimentos de análise, de como eu havia concebido uma metodologia para analisar os retratos. Ficava impressionado com a maneira distinta daquela com a qual eu havia analisado os intelectuais. De fato, as fontes eram diferentes, haviam me levado a construir um caminho de indagação e de montagem analítica completamente distinto. Ele tinha a razão, mas havia no livro passagens circunstanciadas a respeito. Assim, quando iniciei a pesquisa sobre o modernismo artístico, lembrei dos conselhos e tentei resistir a reeditar sem mais o método concebido para

20. MICELI, Sergio. *A elite eclesiástica brasileira - 1890-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

21. CASTELNUOVO, Enrico. *Arte, industria e rivoluzioni*. Turin: Einaudi, 1985.

22. MICELI, Sergio. *Imagens negociadas. Retratos da elite brasileira (1920-1940)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

23. MICELI, Sergio. *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo: Vértice/IDESP/FINEP, 1989.



o livro sobre os retratos; busquei outras mediações, a começar pelos colecionadores da pintura modernista. Os materiais e as fontes impõem desafios inesperados. Ao lidar com um universo novo de experiências, logo os materiais pertinentes como que parecem se organizar segundo uma lógica própria. Mas é preciso abdicar dos pruridos positivistas, e atentar para o momento de sustar a coleta por conta da redundância, da demonstração reiterativa, rebarbativa. Assim, para dar conta dos retratos do Portinari eu teria de confrontá-los aos retratos de outros artistas coetâneos, comparar os mesmos personagens retratados por outros pintores da época (Guignard, etc.).

### Eixo 3 – Projeto História das Ciências Sociais no Brasil

**Entrevistadoras:** Outro marco importante são os 30 anos do projeto “História das Ciências Sociais no Brasil”, cujo primeiro volume foi publicado em 1989. Como esta obra poderia ser atualizada? Você acrescentaria outros autores, objetos?

**Sergio Miceli:** Poderia ser refeita, atualizada, aliás, já está na hora de fazer isso. Os contextos são bastante diversos. O projeto “História das Ciências Sociais no Brasil” lida com o período inicial de institucionalização. Mas o que aconteceu nos anos 1990, nas últimas três décadas, impõe a feitura de um quadro institucional, social e intelectual bem mais complexo e diferenciado; alguns lineamentos aparecem no segundo volume, como o sistema de pós-graduação, a expansão das universidades federais, o surto das agências públicas de fomento, mas cumpre atualizar esse contexto emergente.

Há muitos trabalhos posteriores indispensáveis ao aprofundamento dos focos de

análise, como, por exemplo, os estudos realizados sob a coordenação de Letícia Canêdo e Afrânio Garcia. Eles construíram uma base de dados envolvendo os bolsistas brasileiros no exterior, abrangendo os doutorandos do período. Nós trabalhamos com um universo empírico bem mais restrito: o contingente de cientistas sociais formados entre 1934 e 1950 se apoiava em turmas muito pequenas, que busquei comparar às turmas, bem maiores, de bacharéis em direito, medicina e engenharia. Lidava com evidências estatísticas de manejo fácil, que não se prestavam a tratamento sofisticado como análise de correspondências múltiplas. Já o papel das associações científicas estava no radar do nosso projeto, por força do empenho em reconstruir a institucionalização das Ciências Sociais, bem como a paulatina diferenciação disciplinar, nos centros com produção intelectual de peso naquele momento, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Instituto Joaquim Nabuco em Recife. O mercado nacionalizado de hoje continua sendo um objeto virgem e pouco estudado, eis um desafio que vale a pena enfrentar.

**Entrevistadoras:** A pergunta seguinte está relacionada com esta observação final. O avanço dos estudos sobre as Ciências Sociais devem incluir progressivamente as novas instituições, como diferentes abordagens que poderíamos chamar de mais nacionais ou mais regionais?

**Sergio Miceli:** Vamos de novo comparar. A Argentina dispõe de um sistema intelectual centralizado em Buenos Aires. Um escritor de província só conquista reconhecimento e consagração ao se firmar em Buenos Aires. Temos situação distinta no Brasil. Érico Veríssimo, Dalton Trevisan, Gilberto Freyre,

Benedito Nunes, são figuras surgidas em âmbito regional que lograram reconhecimento, sintoma de outra modalidade de nacionalização da vida intelectual. Existe um anedotário sobre a centralização em São Paulo, a tal hegemonia paulista. Firmou-se uma hegemonia paulista pelo fato de se dispor aí de trunfos institucionais exclusivos – FAPESP, Universidade de São Paulo, etc. –, o que caracteriza uma situação de dominação. Hoje, contudo, em meio a um mercado de bens culturais nacionalizado, cumpre rastrear e dar conta da produção inventiva nos demais estados. Na época de realização do projeto, não havia sentido tratar dos casos de Santa Catarina ou do Ceará, pois era mata virgem em matéria de produção acadêmica na área. Estava preocupado em mostrar um momento da institucionalização ainda concentrada no eixo Rio-São Paulo. Hoje, em diversos estados, existem núcleos de reflexão, grupos de pesquisa, especialização temática, periódicos. Tais feições evidenciam uma produção intelectual palpável e de qualidade. Procuro acompanhar ao menos as áreas de maior interesse pessoal. Eis um desafio de envergadura, a feitura de um projeto nacional para esta nova conjuntura do campo intelectual e universitário. Nosso projeto original está datado, quer dizer, ultrapassado pelas novas condições de produção do trabalho intelectual.

#### Eixo 4 – Sociólogos(as) e as novas agendas para a Sociologia

**Entrevistadoras:** Pensando nas diferentes compreensões teóricas, o que o senhor acha das novas perspectivas pós-coloniais, decoloniais?

**Sergio Miceli:** Não sou entusiasta dessa agenda exportada, a qual tem pouco a ver com nossa tradição. Por exemplo, o estudo das relações de gênero se viabilizou não só por causa dos movimentos feministas, mas também por conta do investimento de fundações estrangeiras; processo similar estimulou os estudos demográficos, ou a prioridade concedida a pesquisas sobre o judiciário. São tópicos inscritos numa agenda impulsionada por fundações e agências de fomento estrangeiras. Estudei as políticas da Fundação Ford no Brasil e sei como operam<sup>24</sup>. Melhor prestar atenção à nossa formação, à nossa história. O pós-colonial está fora do lugar, a despeito da fachada política progressista. Modismos intelectuais costumam fazer sucesso na periferia da divisão internacional do trabalho intelectual, como no caso do Brasil.

**Entrevistadoras:** Tendo em vista a sua geração de formados nas universidades do Rio de Janeiro e São Paulo, como a PUC/RJ e USP, quem o senhor destacaria como os principais nomes da sociologia daquele grupo?

**Sergio Miceli:** Sob risco de ser injusto com outros colegas, o grupo de antropólogos *doublés* de sociólogos no Museu Nacional – Lygia Sigaud, Moacir Palmeira, José Sergio Leite Lopes, Afrânio Garcia, entre outros – empreendeu um trabalho notável de investigação sobre o mundo rural, em termos de escopo, de resultados analíticos, de publicações. Apesar do desmonte do grupo, por variadas razões e circunstâncias, trata-se de um experimento singular nos marcos de atuação da minha geração. Eles investi-

24. MICELI, Sérgio (coord.). *A Fundação Ford no Brasil*. São Paulo: Editora Sumaré e FAPESP, 1993.

garam a história social dos trabalhadores, o papel e o peso do sindicato, das ligas camponesas, dos direitos trabalhistas, mas também se embrenharam na bibliografia internacional sobre o campesinato. O trabalho de Bourdieu sobre a Argélia foi importante pra eles. Eis uma experiência fora de série em termos de trabalho coletivo, sem descurar do indispensável artesanato artesanal. Com exceção do projeto sobre a “História das Ciências Sociais” e dos livros de balanços bibliográficos sob minha coordenação, sempre trabalhei sozinho.

Ricardo Benzaquem de Araújo escreveu um livro fascinante sobre a obra de Gilberto Freyre<sup>25</sup>, por conta do ponto de vista original com que abordou um material que parecia exaurido. Pode-se discordar da abordagem, mas cumpre reconhecer a originalidade da perspectiva e o tamanho da ambição intelectual.

Em São Paulo, José de Souza Martins também produziu obras de alta voltagem analítica, em especial o livro intitulado “Subúrbio”<sup>26</sup>. Embora pertencendo a uma geração mais velha, na órbita direta de Florestan Fernandes, Martins soube explorar um veio autobiográfico sem desconsiderar a objetivação do contexto, um trabalho comovente.

Elisa Reis realizou um doutorado no campo da sociologia histórica de inspiração comparatista, na qual digere as obras semi-

nais para minha geração (Barrington Moore Jr., Bendix, etc.) em paralelo à análise do caso brasileiro. Pena que o trabalho nunca saiu em livro, salvo engano. São alguns nomes expressivos, com trabalhos bem distintos dos meus, que deram uma contribuição decisiva.

**Entrevistadoras: Quais os trabalhos e produções de sociólogos brasileiros mais recentes você destacaria?**

**Sergio Miceli:** A produção mais recente, temos aí uma dificuldade porque pouca coisa saiu em livro, a massa dos estudos foi divulgada em forma de artigos. Hoje as editoras preferem publicar trabalhos de autores conhecidos. As grandes editoras comerciais, com esquema de distribuição azeitado, se recusam a fazer livros de estreantes. Com algumas exceções, fazem pelo prestígio e não pelas vendas. Na minha geração, todos queríamos publicar livros, hoje isso é inviável. Embora sem tempo de ler tudo, venho acompanhando parcela da produção emergente por meio dos balanços que coordenei para a SBS<sup>27</sup> (2 volumes) recentemente e também pelos quatro volumes que organizei quinze anos atrás para a Anpocs<sup>28</sup>. Concentro o tempo disponível em leituras no campo de sociologia dos intelectuais.

25. BENZAQUEM, Ricardo. *Guerra e paz: Casa-Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. São Paulo: Editora 34, 1994.

26. MARTINS, José de Souza. *Subúrbio: vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo*: São Caetano, do fim do império ao fim da república velha. São Paulo: Hucitec, 1992.

27. MICELI, Sergio; MARTINS, C. B. (Org.). *Sociologia Brasileira Hoje*. 1. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2017. v. 1.

MICELI, Sergio; MARTINS, C. B. (Org.). *Sociologia Brasileira Hoje II*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2018.

28. MICELI, Sergio. *O que ler na Ciência Social brasileira - Sociologia, Antropologia e Ciência Política*. São Paulo: Editora Sumaré/ANPOCS/CAPES, 1999. v. 1,2,3.

MICELI, Sergio. *O que ler na ciência social brasileira, 1970-2002*. São Paulo: Editora Sumaré/ANPOCS/CAPES, 2002. v. 4.

**Entrevistadoras:** Pensando nessas diferentes gerações de sociólogos, como você diria que se faz um bom sociólogo no Brasil, como se faz o *métier sociológico*?

**Sergio Miceli:** Não tem receita. Não se faz um sociológico sem uma boa formação convencional, alguém que aprendeu Weber, Marx e Durkheim, os clássicos, eis o mínimo. Impossível atinar sobre atividade intelectual, os intelectuais, os artistas, a vida cultural, sem conhecer Weber e Durkheim. Não que eles tenham escrito muito sobre isso, mas o modelo da sociologia religiosa é o alicerce da reconstrução morfológica da vida cultural contemporânea, tal como a empreendida por Bourdieu. A ideia de campo deriva de Weber.

Quando eu oferecia cursos em sociologia dos intelectuais e da cultura na pós-graduação, quase todo ano, reservava um terço do curso para que os alunos atinassem com a sociologia religiosa de Weber. Sem tal lastro, qual seja a história comparada das inteligências laicas nas grandes religiões (confucionismo, bramanismo, judaísmo), fica difícil entender a dinâmica da vida intelectual contemporânea.

Depois, você tem de adquirir experiência por meio de uma investigação, não importa se o foco é estatístico, quantitativo, ou se vai trabalhar com entrevistas, reconstrução histórica, documentos de arquivo, o mais relevante são as fontes e os materiais. Sem lidar com materiais empíricos, não se aprende a trabalhar. O jovem cientista social corre o risco de se converter em repetidor de leituras, sem passar pela prova de ter sido provocado por materiais empíricos, que de fato intimidam um pouco no início. Tra-

ta-se de uma experiência incontornável.

E ainda tem que saber escrever. Em humanidades, a escrita clara e fluente é indispensável. Não estou insinuando que o sociólogo tem de se tornar escritor, mas tem que se expressar de modo inventivo e desempenado; a escrita é parte constitutiva da interpretação. Os trabalhos de sociologia se apóiam num eixo narrativo – a concepção geral do argumento, a distribuição dos fatores do argumento em capítulos – e num eixo expressivo, na forma expositiva com que se concatenam os materiais. Não adianta repetir fórmulas de autores, nem reproduzir conceitos alheios. Você tem que dar conta do recado nas suas palavras, na sua interpretação, um baita desafio. Não é trivial, mas tampouco misterioso, acessível apenas a iniciados!

**Entrevistadoras:** Outro marco importante é a obra “O ofício do sociólogo”<sup>29</sup>, que fez 50 anos da sua publicação, em 1968. Você acha que este livro continua a ser uma obra chave para formação na Sociologia e pra se fazer Sociologia?

**Sergio Miceli:** Não sei, mas para a minha geração foi o missal. Era “o” manual. Nós todos sabíamos quase de cor, do começo ao fim, os exemplos, os autores, as dicas, as falsetas. Lemos muita gente por causa daquele livro. Talvez, hoje, surgiram autores de peso que não estão lá e que fizeram uma contribuição importante. O aspecto mais instigante daquele manual é o fato de ser um trabalho opinativo. Os autores armaram uma sequência narrativa de aprendizagem “ideal” – fundamentos, conceitos, riscos, desafios, preconceitos –, pela

29. BOURDIEU, Pierre. CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. *A profissão de sociólogo: preliminares epistemológicas*. Petrópolis: Vozes, 1999.

seleção criteriosa e imaginativa de recortes de pequenos textos surpreendentes que eles comentavam. O ponto forte são as opiniões, porque não parecem estar guiadas por um cabresto; são mais flexíveis do que você acha de início; ocorrem sucessivas variações de foco. Tudo isso se apóia na valência de cada texto selecionado em função do problema suscitado. Um livro que exerceu fascínio. Não tinha “isso tá resolvido, aquilo tá resolvido”, “vai ser assim e deu”. O livro é muito inovador nesse sentido. Ele desarrumou a nossa cabeça de modo regrado, com princípio, meio e fim; desarrumou dando um norte. Minha geração levou um susto. De repente tínhamos acesso a autores sobre os quais nunca ouvimos falar; tínhamos de nos defrontar com textos provocativos, instigantes. Desde então, as coisas não pareciam tão simples como se imaginava. Em lugar das gavetas do saber que aprendíamos na graduação, nos vimos a braços com textos de difícil rotulação: textos de interacionistas, de etno-cientistas, de filósofos da ciência, de escritores, até mesmo de sociólogos! Ficava tudo fora do lugar, com a promessa de outra conjugação. Um livro notável sob muitos aspectos, mas sei que a experiência de vocês hoje é outra, não estão vivendo uma ditadura. São tempos sombrios de outro jeito, sob novas circunstâncias. Vocês hão de encontrar sucedâneos à altura desse ofício do sociólogo.

**Entrevistadoras: Como outras agendas a partir dos estudos de Bourdieu podem ser pensadas hoje?**

**Sergio Miceli: Uma lição importante de Bourdieu: qualquer objeto requer a recupe-**

ração de sua morfologia. Dito de outro modo, ao falar em espaço geométrico chamava atenção para a inserção de qualquer objeto no espaço social, o qual deverá ser construído. Tal diretriz se aplica à moda, ao futebol, à vida acadêmica, etc. Cumpre recuperar a morfologia do objeto, projetá-lo num espaço social, identificar os agentes em competição, as instituições que modelam o jogo encampado pelos agentes.

A lição de Bourdieu tem a ver com o modo de proceder, e não com o apuro de conteúdos substantivados. Ao engessar a experiência em categorias – campo, *habitus* – perdem-se os contornos pulsantes da experiência. Não se pode apelar a nenhum autor no câmbio automático. Regra de ouro, a atenção à morfologia de cada atividade. Muitas teses falham nesse quesito: a gente não fica sabendo quem são os agentes analisados, a distribuição por gênero, por qualificação escolar, e assim por diante. Impossível dispensar a morfologia. Abrir mão de esquadros capazes de qualificar o objeto impede atinar com o sentido da atividade objeto de investigação. Cumpre projetar o objeto no espaço social e restituir sua história, sua gênese.

Segundo Bourdieu, os intelectuais por vezes adotam o que ele designa como amnésia da gênese. No livro “Sobre o Estado”<sup>30</sup>, Bourdieu restitui a espinha dorsal do Estado por meio do surgimento do direito, da jurisprudência, dos juristas, do marco legal. Salienta o processo competitivo envolvendo instâncias e especialistas a serviço da Igreja, do Rei, da aristocracia, em momentos anteriores à constituição do Estado absolutista. Eis um exemplo fecundo de análise, a qual não pode na marra, sem mais, ser aplicada a qualquer objeto.

30. BOURDIEU, Pierre, *Sobre o Estado: Cursos no Collège de France (1989-92)*. 1a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

O conceito de campo me parece o maior invento dele, mais do que *habitus*. Na obra “Esboço de uma teoria da prática”<sup>31</sup>, que nunca foi publicada em português na íntegra, a meu ver um livro-chave no conjunto da obra, Bourdieu formulou a ideia de *habitus* de modo sintético e contundente, ao juntar a exigência de conciliar as restrições impostas pelo campo ao requisito incontornável de dar conta da prática, da prática inclusive no registro da improvisação inventiva. A noção de *habitus* era ferramenta de combate ao estruturalismo de Lévi-Strauss. A força da ideia de campo está na raiz da abordagem morfológica já mencionada. O campo consiste, no limite, em enfeixar as coordenadas e as feições de um universo de experiência, de um microcosmo, desvelando os sentidos do jogo aí travado pelos agentes. Um achado notável em termos de síntese teórica. Mas não se trata de algo abstrato, pronto e fechado; na verdade, a noção de campo sofreu dezenas de formulações ao longo da obra de Bourdieu, o qual pensou a vida inteira em apurá-lo, em infundir novos sentidos e feições a um conceito em progresso incessante. Um dos volumes de sua “Sociologia Geral” abriga por volta de 120 páginas em torno do conceito de campo<sup>32</sup>; as “Meditações Pascalianas”<sup>33</sup> também privilegiam a noção de campo. Sem absolutizar ou essencializar o conceito, basta evocar o quanto tal relance de totalidade ajuda a restituir a experiên-

cia sob análise, dando-lhe um sentido, por meio de certa figuração. Apesar da conotação Elias, a figuração se aparenta à ideia de campo, ao enfatizar a interdependência entre os agentes. A implicância sutil de Bourdieu com Norbert Elias revela uma espécie de amor bandido, criticado tanto pelas reservas como pelas sintonias.

**Entrevistadoras:** Nesse sentido, não seria importante para a sociologia brasileira a tradução do livro *La Noblesse d'État*<sup>34</sup>?

**Sergio Miceli:** Talvez mais importante, e que acabou sendo feito, seria traduzir “A distinção”<sup>35</sup>. Outra lacuna é o livro mencionado acima, “Esboço de uma Teoria da Prática”.

**Entrevistadoras:** Não tem previsão pra ser feito?

**Sergio Miceli:** O tradutor teria de possuir um conhecimento apurado de etnologia, pois se trata de um texto de combate feroz à perspectiva então dominante dos etnólogos sobre o parentesco.

**Entrevistadoras:** Muito obrigada pela entrevista!

## Referências

BORTOLUCI, J. H.; JACKSON, L. C.; PINHEIRO FILHO, F. A. Contemporâneo clássico: a recepção de

31. BOURDIEU, Pierre. *Esquisse d'une théorie de la pratique - précédé de Trois études d'ethnologie kabylienne*. Geneve: Droz, 1972.

32. BOURDIEU, Pierre. *Sociologie générale. Cours au Collège de France (1981-1983)*. Paris: Raisons d'agir, Seuil, 2015. v. 1.

33. BOURDIEU, Pierre. *Meditações pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

34. BOURDIEU, Pierre. *La noblesse d'État: grandes écoles et esprit de corps*. Paris: Minuit, 1989.

35. BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

Pierre Bourdieu no Brasil. *Lua Nova*, São Paulo, n. 94, p. 217-254, 2015.

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

GARCIA Jr., A.; PESSANHA, E. Encontros com Pierre Bourdieu e destinos de sua obra: entrevista com Gisèle Sapiro. *Sociologia & Antropologia*, v. 3, n. 5, p. 11-42, 2013.

LOPES, J. S. L.. Touraine e Bourdieu nas Ciências Sociais Brasileiras: duas recepções diferenciadas. *Sociologia & Antropologia*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 43-79, 2013.

LOUREIRO, M. R.; BASTOS, E. R.; REGO, J. M. R. *Conversas com sociólogos brasileiros: retórica e teoria na história do pensamento sociológico do Brasil*. FGV-EAESP/GVPESQUISA, 2008.

MICELI, S.. *Intelectuais e classes dirigentes no Brasil (1920-1945)*. Rio de Janeiro: Difel, 1979.

ORTIZ, R. Nota sobre a recepção de Pierre Bourdieu no Brasil. *Sociologia & Antropologia*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 81, 2013.

QUAGLIATO, H. da C. V.; RAMOS, E. R.. Sérgio Miceli e as condições do ofício do sociólogo e o intelectual no Brasil contemporâneo. *Revista Sociologias Plurais*, v. 6, n. 2, p. 9-18, 2020.

PASSIANI, E. Imposturas intelectuais: a sociologia (auto)crítica de Pierre Bourdieu. *Novos estudos - CEBRAP*, São Paulo, n. 74, p. 207-212, 2006.

RODRIGUES, L. S.; ROCHA, M. E. da M. Entrevista com Sergio Miceli. *Estudos de sociologia*, v. 24, n. 47, p. 409-423, 2019.

RODRIGUES, L. S.; MUNIZ JR., J. de S. Entrevista a Sergio Miceli. *Prismas. Revista de história intelectual*, n. 22, p. 157-165, 2018.

SAPIRO, G. (dir.). *Dictionnaire international Bourdieu*. Paris: CNRS, 2020.

SILVA FILHO, J. P. L. "Era um negócio artesanal e a gente tinha gosto de fazer": entrevista com Sergio Miceli. *Remate de Males*, v. 36 n. 2, p. 481-402, 2016.

SCHWARTZMAN, S. *Um espaço para a ciência*. A

formação da comunidade científica no Brasil. 4ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2015.

Recebido em: 14/10/2020

Aprovado em: 28/12/2020

